

26 de dezembro – Festa de Santo Estêvão, o Primeiro Mártir

Atos 6,8-10; 7,54-59; Mateus 10,17-22

“Do Presépio à Cruz: Testemunho de Fé e Perdão”

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, uma enfermeira cristã no Oriente Médio foi chamada pelo seu supervisor para retirar a pequena cruz que carregava no pescoço. “Pode ofender alguém”, disse ele. Ela sorriu e respondeu: “Não é para ofender, me lembra a quem sirvo.” Esse simples gesto lhe custou um trabalho confortável, mas ela manteve sua cruz.

Hoje, enquanto nos reunimos no dia seguinte ao Natal, a Igreja nos convida a lembrar outro servo que carregou sua cruz com coragem: Santo Estêvão, o primeiro a morrer por Cristo. De Belém ao martírio, a mensagem é uma só: o amor que nasceu em um presépio é forte o suficiente para perdoar até os inimigos.

Celebremos esta Eucaristia com gratidão pelo testemunho de Estêvão, rezando para que o mesmo Espírito nos dê força para viver nossa fé com coragem e amor.

HOMILIA

Há alguns anos, uma jovem enfermeira cristã em um hospital do Oriente Médio recebeu a ordem de tirar a pequena cruz que carregava no pescoço.

“Pode ofender alguém”, disse seu supervisor.

Ela sorriu suavemente e respondeu:

“Não é para ofender, me lembra a quem sirvo.”

Naquela noite, foi transferida para uma enfermaria mais difícil, mas manteve sua cruz. Em silêncio, com coragem e graça, deu testemunho de Cristo.

Hoje, no dia seguinte ao Natal, celebramos alguém que fez o mesmo: Santo Estêvão, o primeiro a dar a vida por Cristo. Pode parecer estranho que a Igreja passe do presépio ao martírio tão rapidamente. Ontem vimos a ternura de Belém; hoje ouvimos sobre pedras e sangue. Mas a Igreja coloca Estêvão aqui para nos lembrar que o Menino do presépio e o homem na cruz são o mesmo. Sem a cruz e a ressurreição, o Natal seria apenas uma história doce, logo esquecida.

Estêvão foi um dos primeiros diáconos: fiel, sábio e “cheio de graça e poder”. Cuidava das viúvas e dos pobres, e

falava com tanta verdade que suas palavras atravessavam corações endurecidos. Como Jesus, foi falsamente acusado, levado diante do concílio e condenado. E como Jesus, perdoou seus inimigos: “Senhor, não lhes imputes este pecado.”

Estêvão nos ensina que a alegria do Natal não é um sentimentalismo frágil; é a alegria de saber que o amor de Deus é mais forte que o ódio, mais forte que a morte. O Menino Jesus nasceu em um mundo que um dia o crucificaria, e ainda assim veio. A luz que brilhou sobre Belém um dia brilhará sobre o Calvário.

Há alguns anos, um sacerdote missionário que trabalhava em uma vila remota na África foi atacado durante um período de distúrbios. Sua pequena capela foi incendiada, sua casa saqueada. Quando a violência terminou, ele voltou e começou a reconstruir — não primeiro a casa, mas a capela.

Um vizinho perguntou: “Por que começar pela capela se você não tem um teto onde dormir?”

Ele sorriu e respondeu: “Porque as pessoas precisam ver

que a fé permanece, mesmo quando tudo ao redor desmorona.”

Esse é o espírito de Estêvão: a fé que reconstrói, perdoa e se mantém firme quando o mundo ao redor desmorona. No nosso mundo, ninguém nos apedrejará pela fé, mas podemos ser atingidos pelas pedras da indiferença, da zombaria ou do desprezo.

A careta de um colega, o sarcasmo de outro, o frio da sociedade: tudo isso pode ferir profundamente. No entanto, nesses pequenos testes somos convidados a estar junto a Estêvão e dar um testemunho suave e corajoso de Cristo. Estêvão viu o céu aberto e Jesus de pé à direita de Deus, não sentado, mas de pé, como para receber seu fiel servidor. Esse mesmo Senhor está pronto para nos fortalecer com Seu Espírito cada vez que nos sentimos sozinhos ou tememos confessá-Lo.

Um cristão perseguido escreveu uma vez:

“Não pedimos uma vida mais fácil, apenas corações mais fortes.” Esse é o espírito de Estêvão.

Uma criança perguntou à avó: “Por que Jesus permitiu que apedrejassem Estêvão se Ele o amava tanto?”

A avó refletiu um momento e disse:

“Porque às vezes o amor não nos salva do sofrimento, mas caminha conosco através dele. E quando Estêvão levantou os olhos, viu que Jesus não estava longe, sentado no céu. Estava de pé, esperando para recebê-lo em casa.”

Isso é o Natal levado à sua plenitude: o Deus que desce para estar conosco, que está ao nosso lado no sofrimento e nos eleva à glória. Amém.

Festa da Sagrada Família – Ano A – 2025

Sirácida 3,2–6.12–14; Colossenses 3,12–21; Mateus 2,13–15.19–23

“Do Ideal à Realidade: Deus Habita Onde Vive o Amor”

INTRODUÇÃO

Um pai me disse uma vez: “Quando meus filhos eram pequenos, pensei que deveria fazer nossa família perfeita. Agora que são maiores, percebi que Deus nunca pediu perfeição, apenas presença.”

Ele havia descoberto o que a Sagrada Família nos ensina: a santidade não cresce em lares impecáveis, mas em corações fiéis.

Hoje, em plena semana do Natal, celebramos que Deus escolheu habitar em uma família comum, um lar com risos e trabalho, viagens e medos, mal-entendidos e amor.

Jesus aprendeu a caminhar, falar, rezar e confiar sob o teto de Maria e José.

Pidamos que nossos lares também possam se tornar Nazaré: lugares simples e amorosos onde Deus se sinta em casa.

HOMILIA – “Do Ideal à Realidade: Deus Habita Onde Vive o Amor”

Quando ouvimos “Festa da Sagrada Família”, que imagem nos vem à mente?

Talvez a imagem conhecida de cartões e pinturas de altar: Maria costurando perto da janela, José planejando na oficina, e o Menino Jesus ajudando com um sorriso sereno, tudo iluminado por uma luz dourada.

É uma imagem bonita. Mas quanto mais olhamos, mais percebemos que a pintura não é a vida real.

Porque a vida familiar real — a nossa, e até a de Jesus, Maria e José — não é um quadro idealizado. É real, bagunçada, bela, dolorosa e cheia de surpresas.

Quando a Igreja estabeleceu esta festa há pouco mais de um século, não foi para romantizar uma família perfeita.

Quis nos lembrar que Deus se tornou parte de uma família comum para que toda família humana, em toda sua complexidade, possa encontrar esperança.

1. A Sagrada Família Não Era Uma Família Ideal

Pensem no que realmente viveu essa primeira “família santa”:

- Uma jovem grávida antes do casamento.
- Um homem lutando para compreender e acreditar em um sonho.
- Um menino nascido em um estábulo porque ninguém os recebia.
- Uma família refugiada, fugindo para o Egito para salvar sua vida.
- Mais tarde, um menino perdido três dias em Jerusalém, com os pais procurando freneticamente.
- Um filho incompreendido, até mesmo pela família.
- Uma mãe de pé sob a cruz.

Essa não é uma imagem doce; é a vida. É a nossa vida. E é por isso que esta festa é importante.

Um idoso me disse: “Padre, nossa família não é perfeita, mas quando comemos juntos, rimos um pouco e nos perdoamos antes de dormir, isso já é um milagre.”

Essa é a santidade que Deus vê. A vida familiar não é perfeição, é amor que continua tentando.

2. Família: Muitos Rostos, Um Amor

Hoje, a “família” tem muitos rostos: famílias tradicionais, famílias recompostas, pais solteiros, lares de acolhimento,

e comunidades de fé. Famílias marcadas por divórcio ou perda, por distância ou diferenças.

Mas onde há amor fiel, perdão e pertencimento, ali há família — e Deus está presente.

Há alguns anos, Caritas Alemanha publicou uma série de fotos sobre “famílias inesperadas”:

- Um casal rico com seu único filho, mas a criança parecia solitária.
- Uma mãe empurrando a cadeira de rodas da mãe idosa.
- Um grupo de jovens punk segurando um bebê enrolado em mantas rosas.

No início, as pessoas se surpreenderam. Mas a mensagem era clara: onde o amor e a responsabilidade se encontram, ali há família.

A Sagrada Família não foi diferente. Enfrentaram tensões, pobreza, deslocamento, mal-entendidos, e Deus habitava no meio deles. Sua santidade vinha não da perfeição, mas da presença.

3. Sonho e Realidade – O Valor de José

E depois está José, sonhador e realizador.

Quatro vezes, Mateus nos diz que ele ouviu a orientação de Deus em sonhos:

“Não temas receber Maria.” “Foge para o Egito.” “Volta para Israel.” “Estabeleçam-se em Nazaré.”

Cada vez, José acordava e fazia o que Deus pedia.

Às vezes, a fé significa levantar-se e fazer o difícil.

Um pai que conheci perdeu o emprego, mas não desistiu.

Todas as manhãs preparava os lanches dos filhos e dizia:

“Um dia Deus abrirá outra porta.” Anos depois me disse:

“Padre, esse foi meu Nazaré. Aprendi a confiar na obra silenciosa de Deus.”

José nos lembra que a fé não é escapar da realidade, mas encontrar a voz de Deus nela.

4. Consagrando Nossas Famílias a Deus

No Evangelho de hoje, Maria e José levam o Menino Jesus ao Templo para consagrá-lo ao Senhor. Não o guardam para si, mas reconhecem que Ele pertence primeiro a Deus.

Isso é o que torna santa qualquer família.

Pais que confiam seus filhos a Deus, que os educam não para possuí-los, mas para guiá-los, seguem o exemplo de Maria e José.

Toda criança é, antes de tudo, filho de Deus. Todo lar deve ser um lugar onde esse dom divino seja apreciado e protegido.

Como Simeão, também “esperamos a salvação do Senhor.”

Como Ana, somos chamados a “falar a todos sobre este menino.”

Nossa missão como famílias cristãs é tornar Cristo visível, não apenas com palavras, mas em gestos cotidianos de paciência, perdão e compaixão.

5. Uma Carta de São Paulo – Se Escrevesse Hoje

Se São Paulo pudesse escrever uma carta para esta festa, talvez diria:

“Amados, sujeitai-vos uns aos outros por amor.

Pais, não irriteem seus filhos, mas animem-nos.

Filhos, respeitem seus pais e não tomem sua atenção como garantida.

Acima de tudo, revistam-se de compaixão, bondade,

humildade, mansidão e paciência.

Perdoem uns aos outros como o Senhor vos perdoou.

E que a paz de Cristo governe vossos corações.”

Não são mandatos antiquados; são um convite vivo ao respeito mútuo, ao sacrifício compartilhado e ao perdão que mantém a família unida.

6. Os Anos Ocultos – Onde Cresce a Santidade

A maior parte da vida de Jesus não se passou em milagres ou ministério público, mas nos anos tranquilos de Nazaré: aprendendo, crescendo, ajudando, amando.

Os “anos ocultos” nos lembram que a santidade nasce no ordinário: lavando pratos, rezando antes de dormir, trabalhando tarde pelos outros, perdoando antes de dormir.

Uma mãe me disse: “Padre, nunca prego, nunca viajo, nunca faço grandes coisas, mas todos os dias preparo o café da manhã e rezo pelos meus filhos. Isso é suficiente?”

Sorri e disse: “Isso é Nazaré. E Nazaré é onde Deus se deleita em habitar.”

7. Jesus ao Nosso Lado

Talvez sua vida familiar se sinta frágil, ou seu lar esteja marcado por distância, tensão ou dor.

Lembre-se: Jesus está ao seu lado. O menino que fugiu para o Egito, que trabalhou em Nazaré, que chorou em Jerusalém, conhece toda a gama da vida familiar humana. E sussurra a mesma promessa que deu a José e Maria: “Eu estou convosco.”

Quando o amor humano falha, o amor divino sustenta. Quando as famílias se quebram, Deus nos reúne em Sua família maior, a Igreja, onde somos chamados a apoiar e fortalecer uns aos outros.

CONCLUSÃO: *Ser uma Bênção*

A Festa da Sagrada Família não é nostalgia de algo que nunca existiu.

Trata-se de nos tornarmos bênção para os outros, seja qual for a forma de nossa família.

Trata-se de deixar que o espírito do Natal — Deus feito carne no amor — transforme nossa vida juntos.

Talvez esta noite, como pequeno gesto, façam o sinal da cruz sobre as mãos uns dos outros e digam:

“Que Cristo habite em nosso lar. Que o amor guie nossos corações. Que a paz reine entre nós.”

Porque a santidade começa não na perfeição, mas na presença.

Não no ideal, mas no real.

E em cada família real e amorosa — ainda que imperfeita — Deus faz Sua casa. Amém.

31 de dezembro — 7º DIA DA OCTAVA DE NATAL

1 João 2,18–21; João 1,1–18

“O Verbo Se Fez Carne: Do Fim ao Começo”

INTRODUÇÃO

Um viajante sentou-se uma vez à beira do mar na última noite do ano, observando as ondas quebrando nas rochas. Pensou consigo mesmo: “Cada onda vem e vai, mas o mar permanece.”

Esta noite, ao terminar o ano, somos como esse viajante. Vemos as ondas do tempo — alegrias e tristezas, sucessos e fracassos — levantarem-se e caírem diante de nós. Mas há algo que permanece constante: o amor eterno de Deus, que entrou no tempo em Jesus Cristo.

São João nos lembra: “Filhinhos, é a última hora.” Sim, o tempo voa, mas Cristo sustenta o tempo em Suas mãos. Ao nos reunirmos nesta última noite do ano, demos graças por Sua luz que nunca se apaga e coloquemos nosso ano vindouro em Seus cuidados.

HOMILIA

Um professor deu uma vez aos alunos uma vela e pediu que caminhassem por uma sala escura. “Não podem parar a escuridão,” disse, “mas podem levar a luz.”

À medida que este ano termina e o relógio em breve marcará a meia-noite, também estamos na escuridão do tempo: suas incertezas, suas sombras, seus finais. Mas o Evangelho desta noite não começa com um fim, mas com um começo: “No princípio era o Verbo.”

As palavras de João evocam as primeiras páginas do Gênesis. Mas, diferente da primeira criação, onde a luz foi pronunciada à existência, agora a Luz mesma entrou no mundo em forma humana. O Verbo se fez carne — Deus se tornou um de nós — e isso significa que nenhuma escuridão, nem mesmo a morte ou a passagem do tempo, pode extinguir Sua luz.

A frase de São João esta noite — “É a última hora” — tem duplo sentido. Sim, é o último dia do ano. Mas também é a última era da história, o tempo de graça que começou com a vinda de Cristo. Cada um dos nossos dias é parte dessa história sagrada.

Tudo o que fazemos — cada ato de bondade, perdão, paciência ou oração — torna-se eterno quando feito com amor. Nada se perde aos olhos de Deus.

Mesmo nossas falhas são reunidas em Sua misericórdia, enquanto Ele renova a criação dia após dia.

No Evangelho ouvimos: “Da Sua plenitude, todos nós recebemos, graça sobre graça.”

O ano passado, não importa como tenha sido, esteve cheio dessa graça. Talvez nem sempre visível, mas real, em cada respiração, em cada reconciliação, em cada vez que encontramos força para recomeçar.

O Verbo, feito carne, continua habitando entre nós — na Eucaristia, em nossos relacionamentos, na fé silenciosa que nos sustentou.

Por isso, esta noite não é apenas momento de olhar para trás, mas de olhar adiante com confiança:

O mesmo Deus que começou o ano conosco caminhará conosco para o amanhã.

Uma menina, olhando os fogos de artifício na véspera de Ano Novo, sussurrou: “Olha, papai, as estrelas estão celebrando!”

O pai sorriu e disse: “Não, querida, não são estrelas — são nossas esperanças subindo ao céu.”

Que nossas esperanças se elevem esta noite àquele que nunca muda. Porque n’Ele, cada fim se torna um novo começo. Amém.